

Árabes e orgasmo



JOSÉ SARNEY
Senador do Amapá
pelo PMDB

Minha leitura é positiva sobre a Cúpula Améri- ca do Sul — Países Ára- bes, reunida esta sema- na em Brasília.

Os meios de comunicação in- corporaram ao tempo real a im- pressão de que o acessório é o principal. É uma forma de desin- formar, pois as versões conflitam com os fatos. Essas considera- ções são feitas sobre a cobertura da Cúpula. No hemisfério norte, o noticiário aponta para um frac-asso, na medida do silêncio pro- fundo que lhe dedicaram. Aqui, os fatos colaterais pareceram maiores que os principais, como o destaque para a questão bilate- ral Brasil-Argentina, a verborra- gia chaveana, a etimologia e defi- nição de palavras como "terroris-

mo" e "democracia" e a saída à francesa de Kirchner.

Analiso o lado essencial: o Brasil assumiu com êxito o seu lugar de parceiro político global, mesmo em regiões onde não tínhamos nenhuma tradição, como no Oriente Médio. A diplomacia brasileira, na continuidade da sua reconhecida compe- tência e serviços que tem presta- do ao país ao longo de sua História, conseguiu, num espaço de tempo muito pequeno, mobilizar todos os países daquela região, obter a participação e o en- gajamento para que o evento tenha continuidade e raízes.

Isso abre à América do Sul uma janela comercial e política. Mos- tra o prestígio internacional de Lula. Evidentemente não é possí- vel numa reunião desse porte uma visão uniforme de atos e fatos com os interesses legítimos, mas conflitantes, dos estados nacionais. Nesse terreno, a única busca alcançável é a opinião mé- dia, na qual todos possam estar

de acordo. A arte da diplomacia é ladear as questões irreconciliá- veis e buscar um espaço comum de unidade. O trabalho do chan- celer Celso Amorim foi de grande competência. Na parte formal, mostramos nossa capacidade de organização e apoio a grandes conferências e no essencial cria- mos um elo institucional do nos- so continente com o mundo ára- be, carente de solidariedade e en- tendimento. Tanto assim que a próxima preparatória será em Buenos Aires, em 2007, para a reunião de 2008 no Marrocos.

Em política a palavra é cin- quenta por cento da ação. As pala- vras são instrumentos de mobili- zação e o documento que foi ela- borado é um excelente texto que soube contornar os pontos ultra- sensíveis e focar os principais. Para mim, democracia não tem ad- jetivo, é democracia mesmo, nada de social, de popular — como nos antigos países da URSS. Terroris- mo é terrorismo, a mais abominá- vel das violências porque é a gra-

tuidade de atingir pessoas indis- criminadamente. Mas ninguém é ingênuo para não saber que esses valores são ocidentais. A reação de Israel é compreensiva, faz parte do jogo e mesmo os americanos têm dificuldade em dizer que o Iraque não é democracia. Política externa lida com realidades e não com o sexo dos anjos.

Era imprevisível saber-se que a Cúpula coincidiria com a tragé- dia das cinco derrotas do Corin- thians e o Passarela teria de ser despachado para Buenos Aires.

Depois, a separação de Ronal- dinho e Cicarelli, com tatuagens e tudo, sem falar no prefeito de Esperantina, no Piauí, que criou, justamente na data, o Dia do Or- gasmo, que é, na definição de Houaiss, "sufusão tépida... e efer- vescência de sentimentos". O prefeito, ex-seminarista francis- cano Santolia, anuncia que vai construir um orgasmódromo.

Com tudo isso a desviar as atenções, nada ofuscou os bons resultados do desfile dos árabes.